

ELE¹¹GIA

A' SENTIDA MORTE
DO SERENISSIMO SENHOR
D. JOSÉ
PRINCIPE DO BRAZIL.

POR
JOAÕ ANTONIO NEVES ESTRELLA.



LISBOA

NA OFFICINA DE ANTONIO GOMES.

M. DCC. LXXXVIII.

*Com licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame,
e Censura dos Livros.*

*Quem podesse
Por arte, ou por engenho alcançar tanto,
Que meo a tuas lagrimas pozesse!*

Ferreir. Elegia 1. terceto 1.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

E L E G I A.

Que feia , triste , lamentavel scena
A nossos olhos se apresenta , ó Lufos !
Que feia , horrivel tormentosa pena !

Faz perturbar-nos da razão os uzos
Tanta afflicção ; porém a dor , a magoa
Nunca seremos de sentir escuzos.

Seremos sempre dolorosa fragoa
Onde se forgem sentimentos puros ,
Que fação rebentar dos olhos a agoa.

* ii

Nos

Nos cavernozos sitios mais escuros
Hiremos habitar ; que o nosso pranto
Fará enternecer penhascos duros.

E se a causa do choro póde tanto
Que ainda ás coufas que não tem espirito
Pode inspirar-lhe desgostoso espanto :

Qual hade fer o coração maldito ,
Que em ouvindo , que o Principe morrera
Não arranque do peito hum mortal grito ?

O segundo José , Principe que era
Dos fieis Portuguezes a esperança
Já não vive ? .. Morreo ? .. Ah Morte féra !

Ah

Ah Morte féra!... Tua força avança
A levantar o braço descarnado
Para tal damno? E não vacila, e canfa?

E havemos ver de Portugal, roubado
Hum Espírito gentil de poucos annos,
De Virtudes Heróe, do Povo amado?

José; o bom José, que aos Lusitanos
Mostrava sempre alegre o Regio Rosto
Aos Grandes ensinando a ser humanos?

Ah Morte féra!... Que mortal desgosto
Nos causaste levando deste mundo
O nosso abrigo, e descansado encosto?

Olha o semblante quasi moribundo
Da Viuva Princeza como triste
Se mostra cheio de pezar profundo ?

Ah Morte féra, do rigor desiste :
Céde a tanta Grandeza, e Formosura
Se acaso inda o rigor em ti presiste ?

Que inda as fêras, mais fêras da espessura
Dos míseros Mortais se compadecem
Tornando em mansidão toda a bravura.

Vê Morte féra, vê que desfalecem
Os alentos daquella excelsa Heroína,
E nunca os olhos de chorar se esquecem.

Ref-

Restitúinos essa Alma pura, e digna
De mil coroas, de impunhar mil sceptros,
Capaz de precaver toda a ruina.

Huma Alma digna dos heroicos metros:
Que haviaõ ser para a louvar preciso
Da Grecia, e Roma os affamados plectros.

Roubaste-nos com ella hum claro juizo,
Cultivada sciencia, amor, piedade,
Sem dolo hum coração, mui terno, e lizo.

Restitúinos da solida verdade
O puro amigo, que aborrece o engano;
Que aborrece dos vicios a maldade!

Ah féra Morte , põem-nos termo ao damno :
Remedêa os desgostos do futuro
Que nos causas com esse roubo infano ?

As portas abre desse Imperio escuro
Onde habitão as sombras pavorosas ,
Que cerca impenetravel denso muro.

Mas que funestas , tristes , que penosas
São nossas vozes , são nossos gemidos ,
Que inda augmentaõ mais lagrimas faudosas !

Ai de nós , Lusos ; porque a Morte ouvidos
Nos cerra , e foge ! Lusos ; que faremos ?
Ai de nós ! ai de tantos ais perdidos !

A qualquer parte o rosto que voltemos
Todos cobertos de pezado luto
Nos dão prôvas do muito que perdemos.

Parece-me que ainda vejo, e escuto
O Principe José, sem que pagasse
A' dura Libitina ímpio tributo.

Quem fora tão feliz que o avistasse!
Quem fora tão feliz, que dar louvores
Aos Sabios todos ainda o escutasse!

Mas ai de nós! Que amarguradas dores
Nos causa a triste, longa eterna ausencia!
Ai que tristes, funestos dissabores!

Que

Que taõ veloz ! que rapida violencia
Nos fez o rigoroso duro Fado !
Que tyranna , que barbara inclemencia !

Pestifera Doença , que a teu lado
Trazes o carrancudo Mal terrivel
De negra boca , e rosto descorado :

Como se faz o teu poder temivel !
Nas Choças , ou Palacios igualmente
Como se faz o damno teu penivel !

Teu corrosivo bafo pestilente
Inficionou aquelle heroico peito ,
Que era o Pai , Bemfeitor da Lyfia gente.

Ago-

Agora que hade fer de nós? . . Que geito
Procurar póde a mísera Pobreza,
E o Pertendente de chorar desfeito?

Que hade fer do Plebéo, e da Nobreza?
Dà meiga, terna, afflicta cara Esposa. . .
A magoada tristíssima Princeza?

Vós Mãi, dos Lusitanos, extremosa,
Juntai o vosso pranto ao nosso pranto;
Que a causa he justa, igual, e dolorosa.

Que Vós fazeis mover de magoa, e espanto
A terra, o bosque, o Ceo, o campo, e o Téjo
Sem o Conforte, que prezaveis tanto.

Os

Os arbustos curvados tristes vejo ;
Preza do rio a nítida corrente ,
E todos de igualar-vos , com desejo.

Affim faremos todos juntamente ,
Que as plantas chorem , que se abalem montes ,
Que tudo seja triste , e descontente.

As Musas , que ornem de Cypreste as fronteas ;
Os cabellos arranquem de magoadas ;
E em fim que esgotem do Parnaço as fontes.

As Ninfas com as tranças desgrenhadas
Os meios corpos d'agoa fóra alçando
Vendo a causa da dor fiquem pasmadas.

De-

Depois nas ondas claras mergulhando
No remoto Brazil , no vasto Nilo
Os motivos da pena vão contando.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Se eu de Callimaco , e Mimnermo (*) o estylo
Tivesse , ah ! que Elegia que forjára !
Porém o meu pezar , o pranto dílo.

Mas ah Virtudes da Siao preclara ,
Que revestis do Principe a Alma pura ,
Que tristes cá no mundo nos deixára.

Vós que estais lá do Empyreo nessa altura ,
Dai-nos em tão faudosa longa ausencia
Soccorro ; alivio ao mal , que não tem cura.
Fa-

(*) Ambos famosos , e excellentes Poetas Elegiacos da Grecia.

Fazei que ao Templo da celeste sciencia
Vamos ver de José o premio justo ,
Que alcançou c'o a virtude , amor , clemencia.

Pizando estrellas sem receio , e susto
De tornar a morrer ; eterna vida
Goza a par dos Affonsos , Neto augusto !

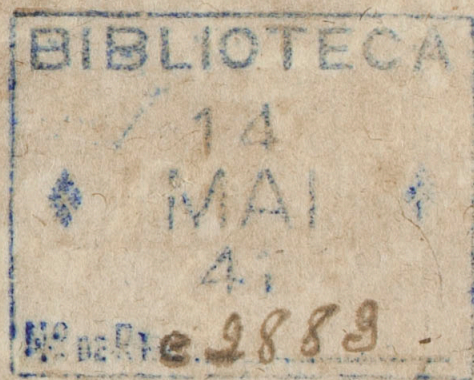
Ahi na Região clara , e subida ,
Adonde está dos Teus a viva historia ,
Goza em paz ; porque o Eterno te convida.

Descança , bom José na santa Gloria !
Ah que dita ! Alegrai-vos , Lyfia gente !
Fazei a vossa magoa transitoria !

(15)

O Ceo nos deo João sabio , e prudente
Irmão igual em dotes , e alma pura ;
Que ha de trazer ao Povo seu contente ,
E encher de assombro a Geração futura.

F I M.



THE
LIBRARY OF THE
MUSEUM OF NATURAL HISTORY
AND AGRICULTURE
OF THE
CITY OF LONDON

T. T. M.

BIBLIOTHECA
MUSEI
HIST. NAT.
MUSEI
HIST. NAT.
MUSEI
HIST. NAT.